

## DIREITOS AUTORAIS

1. Os autores se responsabilizam pelas informações, imagem e dados apresentados no trabalho submetido. Baixe aqui o [modelo do Termo de Cessão de Direitos Autorais](#)
2. Os autores transferem os direitos autorais dos artigos aprovados para publicação na revista, sobre licença [Creative Commons Attribution 3.0 License](#).
3. Os autores são incentivados a distribuírem livremente os artigos aprovados e criarem links para os artigos em suas páginas pessoais, e repósitorios institucionais de divulgação científica, seguindo os critérios Creative Commons que permite o uso e citação gratuita do trabalho, mediante a clara identificação dos autores e dos dados da publicação.

Fonte: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/submissoes>. Acesso em: 25 ago. 2023.

### Referência

CARVALHO, Juliano Loureiro de. Revendo os conceitos de valor de antiguidade, nacionalidade e universalidade na obra de Alois Riegl. **Cadernos PROARQ**, [S.l.], n. 35, 2020. DOI: <https://doi.org/10.37180/2675-0392-n35-8>. Disponível em: [https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq35\\_8\\_Revendo%20os%20conceitos.pdf](https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq35_8_Revendo%20os%20conceitos.pdf). Acesso em: 25 ago. 2023.

JULIANO LOUREIRO DE CARVALHO

## Reverendo os conceitos de valor de antiguidade, nacionalidade e universalidade na obra de Alois Riegl

*Revisiting the concepts of age value, nationalism and universalism in Alois Riegl's work*

### Juliano Loureiro de Carvalho

Arquiteto na Secretaria de Infraestrutura do Senado Federal desde 2012; arquiteto na Superintendência do Iphan em Sergipe, de 2009 a 2012. Doutorando em Arquitetura e Urbanismo no PPG-FAU-UnB, com curso de aperfeiçoamento em Conservação do Patrimônio Construído no Iccrom (2016), mestrado em Arquitetura e Urbanismo no PPG-FAUFBA (2008) e graduação em Arquitetura e Urbanismo na UFPB (2005).

*Architect in the Infrastructure Department of the Federal Senate of Brazil since 2012; architect in the National Heritage Institute, branch of the State of Sergipe, from 2009 to 2012. Doctoral student in the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of Brasília; former participant in the Course on Conservation of Built Heritage (Iccrom, 2016); master's degree in Architecture and Urbanism (Federal University of Bahia, 2008); bachelor's degree in Architecture and Urbanism (Federal University of Paraíba, 2005).*

juliano@senado.leg.br

## Resumo

Para aprofundar as interpretações sobre o valor de antiguidade definido por Alois Riegl (1858-1905), fazendo frente à complexidade do conceito, este trabalho investiga as formas como o conceito se apresenta em *O Culto Moderno dos Monumentos*, de 1903, e em outros cinco textos do autor, escritos entre 1899 e 1905. A abordagem compreende ainda o mapeamento das convergências e divergências entre as concepções sobre o tema nas obras de Riegl, Georg Dehio (1850-1932) e Max Dvorak (1874-1921), seus contemporâneos, com quem ele estabeleceu vívido diálogo intelectual. Num primeiro nível de leitura, identificamos e exploramos as transformações do conceito de valor de antiguidade ao longo dos textos de Riegl, desde sua formulação preliminar em 1902, passando pela definição mais difundida de 1903, até a relevante revisão de 1905. Naquele ano, ele diminuiu a ênfase dada às marcas do tempo como atributos do valor de antiguidade e passou a buscar seu sentido principal na continuidade concreta entre gerações humanas – e não mais na relação do sujeito com um tempo abstrato, universal. Propôs também, enfaticamente, o caráter universal da preservação. Essa revisão se insere no debate público sobre preservação de monumentos travado entre o autor e Georg Dehio, em que este último propôs o nacionalismo como razão da preservação e o primeiro lhe contestou, por meio da universalidade do valor de antiguidade. Esse debate é, portanto, central para a apreensão do pensamento preservacionista de Riegl. Num segundo nível de leitura, correlacionamos o conceito e seus elementos ao conhecimento disciplinar então disponível e ao contexto político do Império Austro-Húngaro. Assim, identificamos como sua obra primeiro se distancia e depois se reaproxima do pensamento de John Ruskin (1819-1900). Concluimos, ainda, que, apesar do alinhamento de Riegl ao contexto político de então, sua teoria deita raízes em sua própria reflexão histórico-artística, descartando uma interpretação de mera conformidade. As conclusões permitem avançar diante das interpretações disponíveis do conceito de valor de antiguidade, no que tange à sua transformação ao longo da obra de Riegl, às suas relações com o pensamento de Ruskin e à sua inserção no contexto austríaco de então.

**Palavras-chave:** Teoria da preservação. Alois Riegl. Valor de antiguidade. Georg Dehio. Nacionalismo.

## Abstract

*In order to deepen the available knowledge about Alois Riegl's (1858-1905) concept of age value, this paper investigates how it appears in *The Modern Cult of Monuments* (1903) and in five other texts by the author, written between 1899 and 1905. The approach also includes the identification of convergences and divergences between Riegl's thoughts on the subject and those by Georg Dehio (1850-1932) and Max Dvorak (1874-1921), his contemporaries, with whom he established a vivid intellectual dialogue. At a first interpretation level, we identified and explored the transformations of the concept of age value throughout Riegl's texts, from its preliminary formulation in 1902, through the most widespread definition of 1903, until its relevant revision of 1905. At that year, he decreased his emphasis on the traces of time as attributes of age value, and linked its main meaning to the concrete continuity between human generations – and no longer to the subject's relation with an abstract, universal time. He also emphatically advocated the universal character of preservation. This shift is part of the public debate on preservation of monuments between the author and Georg Dehio, in which the latter proposed nationalism as a reason for preservation and the former challenged him, defending the universality of age value. Thus, such a debate takes on a central role in apprehending Riegl's conservationist thinking. Going further with our inquiries, we compare age value and*

*its elements to the conservation concepts then available and the political context of the Austro-Hungarian Empire. Thus, we identify how Riegl's work first distances itself and then returns to the thinking of John Ruskin (1819-1900). We also conclude that, despite Riegl's alignment with his political context, the concept of age value also connects to his own historical-artistic reflection, allowing us to discard hypotheses of mere conformity. The conclusions go beyond the available interpretations of the concept of age value, regarding its change throughout Riegl's work, its relations with Ruskin's thinking and its links to the Austrian context of that time.*

Keywords: Conservation theory. Alois Riegl. Age value. Georg Dehio. Nationalism.

### Resumen

Con el fin de profundizar en las interpretaciones del valor de antigüedad definido por Alois Riegl (1858-1905), frente a la complejidad del concepto, este trabajo indaga en las formas en que se presenta el concepto en *El culto moderno a los monumentos*, de 1903, y en otros cinco textos de autor, escritos entre 1899 y 1905. El enfoque también incluye el mapeo de las convergencias y divergencias entre las concepciones sobre el tema en las obras de Riegl, Georg Dehio (1850-1932) y Max Dvorak (1874-1921), sus contemporáneos, con quien estableció un vívido diálogo intelectual. En un primer nivel de lectura, identificamos y exploramos las transformaciones del concepto de valor de antigüedad a lo largo de los textos de Riegl, desde su formulación preliminar en 1902, pasando por la definición más extendida de 1903, hasta la revisión pertinente de 1905. Ese año, el énfasis en las marcas del tiempo como atributos del valor de la antigüedad disminuyó y comenzó a buscar su significado principal en la continuidad concreta entre generaciones humanas, y ya no en la relación del sujeto con un tiempo abstracto y universal. También propuso enfáticamente el carácter universal de la preservación. Esta revisión forma parte del debate público sobre la preservación de los monumentos entre el autor y Georg Dehio, en el que este último propuso el nacionalismo como motivo de preservación y el primero lo impugnó, a través de la universalidad del valor de antigüedad. Este debate es, por tanto, fundamental para la comprensión del pensamiento conservacionista de Riegl. En un segundo nivel de lectura, correlacionamos el concepto y sus elementos con el conocimiento disciplinario entonces disponible y el contexto político del Imperio Austro-Húngaro. Así, identificamos cómo su obra primero se distancia y luego se acerca al pensamiento de John Ruskin (1819-1900). También concluimos que, a pesar del alineamiento de Riegl con el contexto político de la época, su teoría se arraiga en su propia reflexión histórico-artística, descartando una interpretación de mera conformidad. Las conclusiones permiten avanzar con las interpretaciones disponibles del concepto de valor de antigüedad, en cuanto a su transformación a lo largo de la obra de Riegl, sus relaciones con el pensamiento de Ruskin y su inserción en el contexto austriaco de la época.

Palabras clave: Teoría de la preservación. Alois Riegl. Valor de antigüedad. Georg Dehio. Nacionalismo.

## Introdução. Riegl, Dehio e Dvorak, debates 1899-1916<sup>1</sup>

Entre janeiro e março de 1905, vieram a público dois textos de Alois Riegl<sup>2</sup> e Georg Dehio<sup>3</sup> que, divergindo sobre o papel do patriotismo na preservação de monumentos<sup>4</sup>, apresentam a situação deste debate na época e instigam a uma revisão de ideias correntes sobre o valor de antiguidade – conceito proposto dois anos antes por Alois Riegl, que segue relevante hoje, dada a centralidade dos processos de valoração enquanto mediadores de subjetividades nas práticas patrimoniais contemporâneas.

A proteção e a preservação dos monumentos no século XIX<sup>5</sup> foi uma conferência proferida por Georg Dehio em Estrasburgo, em janeiro de 1905. Ao tempo em que apresenta um panorama legislativo e prático do tratamento dos monumentos na Europa até seus dias, Dehio faz a defesa da Denkmalpflege (que ele entende como manutenção do existente) em detrimento da Restauration (apontada como recriação do inexistente). Ele associa a primeira à história da arte, à ciência e à técnica, e a segunda à ilusão (DEHIO, 2018, p. 35, 39-43). Dehio aponta ainda o sentimento de nacionalidade como um dos motivos fundamentais da preservação aos monumentos. Para ele,

***Não conservamos um monumento por considerá-lo belo, senão porque forma parte de nossa identidade nacional. Proteger os monumentos não significa buscar prazer, senão exercer piedade (DEHIO, 2018, p. 35, tradução nossa).***

Ao buscar superar as flutuações do senso estético e os excessos da restauração, conforme entendida no século XIX, suas preocupações aproximam-se daquelas de Alois Riegl em seu Culto moderno dos monumentos (RIEGL, 2013a).<sup>6</sup> Apesar disso, logo em março de 1905, Riegl publicou uma contestação a Dehio na revista da Real e imperial comissão central para a pesquisa e preservação de monumentos históricos e artísticos do Império Austro-Húngaro, com o título Novas correntes na preservação de monumentos.<sup>7</sup>

O texto também traz um panorama de questões de preservação. Seus argumentos se baseiam no diálogo crítico com Dehio e Bodo Ehardt<sup>8</sup>, que ele toma como epítomes do historiador da arte e do artista, respectivamente, cada um com as limitações de sua profissão. Para este artigo, interessa principalmente sua argumentação relacionada à nacionalidade. Se, no Culto moderno, Riegl apenas omitira a questão, nas Novas correntes ele a nega expressamente como fundamento da preservação. Para tanto, argumenta que o sentimento de nacionalidade, por ser restrito a um grupo, não é verdadeiramente altruísta nem universal. Estas qualidades seriam

1 Adotamos as grafias simplificadas Alois Riegl e Max Dvorak.

2 Historiador da arte austríaco, 1858-1905.

3 Historiador da arte germânico, 1850-1932.

4 Em alemão, “o termo geral para a documentação, proteção e manutenção de edifícios com valor histórico é Denkmalschutz (proteção de monumentos) ou Denkmalpflege (preservação de monumentos)” (BREITLING, 1981, p. 49, tradução nossa). Sendo ambos os termos genéricos, no texto mantivemos o uso de proteção ou preservação de acordo com o original alemão.

5 Traduzimos para o português todas as citações e títulos de obras em línguas estrangeiras. 1ª edição da obra: DEHIO, Georg. Denkmalschutz und Denkmalpflege im neunzehnten Jahrhundert. Estrasburgo: Heitz und Mündel, 1905.

6 1ª edição da obra: RIEGL, Alois. Der moderne denkmalkultus. Sein wesen und seine entstehung. Viena -- Leipzig: W. Braumüller, 1903a.

7 RIEGL, Alois. Neue Strömungen in der Denkmalpflege. Mitteilungen der k. k. Zentralkommission, Viena, v. IV, n. 1-3, p. 84-104, mar. 1905.

8 Arquiteto germânico, 1865-1945.

antes próprias do valor de antiguidade, cuja percepção independia das origens da obra ou dos observadores, e que, por este motivo, deveria basear a preservação. Nessa argumentação, Riegl apresenta o sentimento de comunhão com as gerações humanas passadas como origem e conteúdo do valor de antiguidade:

***Por que então percebemos sua perda iminente [de casas destinadas à demolição] como uma dor desconsolada [...]? Não pode ser outra coisa senão o 'antigo', o não moderno, o testemunho criativo de gerações precedentes, cujos descendentes somos nós. Assim como podemos considerar os nossos antepassados como prolongamento de nossa existência que nos une com o passado, vemos também os monumentos como um vínculo entre nossa criatividade e aquela de tempos passados, e desde essa perspectiva, eles nos suscitam tal interesse, que estamos dispostos a sacrificar obras modernas e contemporâneas por eles (RIEGL, 2018, p. 65, tradução nossa).***

A partir daí, define-se nosso duplo objeto:

- a) o debate entre Dehio e Riegl sobre nacionalidade, universalidade e preservação, no qual “a distinção fundamental [...] não deve ser procurada no como, mas no porquê da preservação” (BLOWER, 2012, p. 46, tradução nossa);
- b) o novo sentido que Riegl dá ao valor de antiguidade em 1905 – evocação do testemunho das gerações humanas passadas – enquanto no Culto moderno ele descrevera tal valor como evocação da relação do indivíduo com o tempo.

Retomar tais questões ajuda a esclarecer as razões da preservação, na época em que ela se consolidava como disciplina. Mais importante: ao identificar uma inflexão da teoria de Riegl, ainda não explorada pela bibliografia, contribui para o entendimento de uma peça incontornável da reflexão disciplinar, que tem sido amplamente difundida e discutida desde a década de 1980.<sup>9</sup>

Exploramos as raízes e ramificações mais próximas do debate, nos textos dos envolvidos e de Max Dvorak<sup>10</sup>, que sucedeu Riegl como professor de história da arte na Universidade de Viena e como conservador geral na Comissão central. São onze textos, datados de 1899 até 1916: de Riegl, A disposição harmoniosa como conteúdo da arte moderna (2013b);<sup>11</sup> A portada de Santo Estêvão, seu primeiro texto voltado à preservação (2003a);<sup>12</sup> O culto moderno dos monumentos (2013a) e os textos legais que lhe são corolários, a Lei de preservação dos monumentos (2003b)<sup>13</sup> e as Disposições para a aplicação da lei de preservação dos monumentos (2003c);<sup>14</sup> além de Novas correntes na preservação de monumentos (2018). De Dvorak, estudamos Riegl e a moderna preservação de monumentos (2012),<sup>15</sup> Culto dos monumentos e desenvolvimento artístico (2003)<sup>16</sup> e o Catecismo da preservação dos monumentos

<sup>9</sup> Para relatos da reapreciação de Riegl desde a década de 1980, recapitulações das suas traduções e avaliações de sua importância disciplinar, recomendamos as obras de Margaret Iversen (1993), Michael Gubser (2006), Sandro Scarrocchia (2011) e Simona Salvo (2018).

<sup>10</sup> Historiador da arte austríaco, de origem tcheca, 1874-1921.

<sup>11</sup> 1ª edição da obra: RIEGL, Alois. Die Stimmung als Inhalt der modernen Kunst. Graphische Künste, Viena, v. XXII, 1899.

<sup>12</sup> 1ª edição da obra: RIEGL, Alois. Das Riesentor zu St. Stephan. Neue Freie Presse, Viena, 1 fev. 1902.

<sup>13</sup> 1ª versão da obra: RIEGL, Alois. Entwurf einer Gesetzlichen organisation der denkmalpflege in Österreich, II. Viena, 1903 (não publicado à época).

<sup>14</sup> 1ª versão da obra: RIEGL, Alois. Entwurf einer Gesetzlichen organisation der denkmalpflege in Österreich, III. Viena, 1903 (não publicado à época).

<sup>15</sup> 1ª edição da obra: DVORAK, Max. Alois Riegl. Mitteilungen der k. k. Zentralkommission, Viena, v. IV, n. 7–8, p. 255–276, out. 1905.

<sup>16</sup> 1ª edição da obra: DVORAK, Max. Denkmalkultus und kunstentwicklung. Kunstgeschichtliches Jahrbuch der k. k. Zentralkommission, Viena, v. IV, p. 1–32, 1910.

(2008).<sup>17</sup> De Dehio, além de A proteção e a preservação de monumentos no século XIX (2018), analisamos fragmentos de O que será do Castelo de Heidelberg?, traduzidos por Betânia Brendle (2014).<sup>18</sup>

Trata-se de um esforço de ampliação da base de textos desses autores costumeiramente analisada. A vasta bibliografia sobre a preservação no pensamento de Riegl consiste, em sua maior parte, de considerações gerais sobre O culto moderno dos monumentos, que tendem a desconsiderar o restante das obras do autor relacionadas ao patrimônio cultural, o que se confirma na escassez de traduções e análises delas.<sup>19</sup> Assim, as perspectivas analíticas mais próximas da nossa aparecem nas publicações de Andreas Lehne (2010, 2018) e Jonathan Blower (2012), que também interpretam conjuntamente as proposições de Riegl, Dehio e Dvorak. Para tratar do valor de antiguidade como sentimento ligado à humanidade, consideramos ainda John Ruskin<sup>20</sup> e William Morris<sup>21</sup>, autores externos ao contexto analisado, porém fundamentais à discussão dessas questões.

## Monumentos, nacionalidade e universalidade – contexto e limites

Quando Georg Dehio afirma que “é uma profunda exigência psicológica que o velho pareça velho, com todas as marcas da vida, rachaduras e feridas” (DEHIO apud BRENDLE, 2014, p. 353), em seu texto de 1901 sobre o Castelo de Heidelberg, ele tangencia o que Riegl definiria depois como valor de antiguidade. Contudo, não dá à passagem do tempo a mesma proeminência conferida pelo autor austríaco. Por exemplo, em 1905, ao mencionar os monumentos envelhecidos, não lhes reconhece valor por causa da passagem do tempo, mas apesar desta:

*De um lado, está a realidade, provavelmente danificada e descolorida, mas é sempre a realidade; do outro lado está a ficção [...] Nada é mais justificado do que a dor e a revolta por uma obra danificada ou destruída, mas aqui nos encontramos com um fato que devemos aceitar, do mesmo modo que aceitamos o envelhecimento e a morte (DEHIO, 2018, p. 39, tradução nossa).*

Com efeito, na obra de Dehio, a preservação de monumentos é prática antes motivada por uma utilidade social, a difusão do patriotismo.

*Nossa época agitada não tem nada mais importante para dar aos jovens que um verdadeiro sentido de pátria, por meio de imagens claras e inesquecíveis da vida, em especial para as classes mais altas, cuja vida não é outra coisa senão um contínuo transitar de um lugar a outro (DEHIO, 2018, p. 38, tradução nossa).*

Como se observa na citação da Introdução, ele relaciona tal sentimento a uma piedade, que deve ser entendida no sentido de época – reverência e respeito às

17 1ª edição da obra: DVORAK, Max. *Katechismus der Denkmalpflege*. Viena: Julius Bard Verlag, 1916.

18 1ª edição da obra: DEHIO, Georg. *Was wird aus dem Heidelberger Schloss werden?* Estrasburgo: Karl J. Trübner, 1901.

19 Dos onze textos analisados, apenas estão disponíveis em língua portuguesa A disposição harmoniosa como conteúdo da arte moderna; O Culto Moderno dos Monumentos e o Catecismo da preservação dos monumentos. Os demais foram consultados a partir das traduções em italiano, inglês e espanhol referenciadas.

20 Historiador e crítico de arte inglês, 1819-1900.

21 Designer e escritor inglês, 1834-1896.

gerações passadas.<sup>22</sup>

Ao longo do século XIX, a preservação de monumentos empreendida por vários Estados europeus vinha incluindo raciocínios de base patriótica – por exemplo, a propriedade nacional da França pós-revolucionária ou a identidade nacional da Grécia. Para a difusão de ideias dessa natureza na população e nos meios administrativos, contribuíam escritos de alcance geral, como os de Victor Hugo (JOKILEHTO, 2007, p. 69, 80, 128). Também na Inglaterra, obras como *As sete lâmpadas da arquitetura*,<sup>23</sup> de Ruskin, relacionavam os monumentos a um interesse que, além de individual, era nacional:

***A pedra lavrada hoje tem o mesmo valor para os corações do povo francês que aquela vista por São Luís enquanto era alçada a seu lugar? [...] Uma nação previdente [...] pediria a seus arquitetos que produzissem fac-símiles dos templos que por séculos haviam dado alegria a seus santos, conforto a seus sofrendores e força a sua cavalaria? (RUSKIN, 1854, p. 12, tradução nossa).***

Em sentido similar, William Morris perguntaria sobre as edificações inglesas antigas: “sem elas, a Inglaterra seria a Inglaterra que você ama?” (MORRIS, 1878, p. 1354, tradução nossa).

Dehio se alinha a essas ideias oitocentistas – é significativo que o título de seu discurso remeta ao século anterior. Considerando que a palestra em questão aconteceu por ocasião das comemorações do aniversário do imperador Guilherme II, torna-se difícil separá-las também do nacionalismo germânico difundido no Império Alemão, sob a forma do pan-germanismo.<sup>24</sup>

Diferente era a situação do Império Austro-Húngaro.<sup>25</sup> Naquela justaposição de diferentes etnias e nações, “a unidade tinha de ser imposta ao povo a partir de cima pela minoria germânica governante, que, por esta razão, não podia permitir demonstrações flagrantes de patriotismos por parte de qualquer de suas várias nacionalidades” (BLOWER, 2012, p. 19, tradução nossa). Convinha conter nacionalismos e incentivar o pertencimento ao império multinacional – para o que o culto não-religioso dos monumentos poderia contribuir (LEHNE, 2018, p. 139–141). Em um dos exemplos dessa prática, já em 1850 o Ministro do Interior citava a “capacidade da preservação dos monumentos contribuir para o Estado Unificado, visto que reconhecia as histórias dos estados individuais, mas sujeitava aquele reconhecimento a um objetivo comum” (OLIN, 1985, p. 184, tradução nossa).

A questão das nacionalidades tornou-se crítica, na virada do século:

***De 1897 a 1900, o problema da nacionalidade, com seus conflitos sobre os direitos idiomáticos na educação e administração, tinha praticamente paralisado o governo [...] A estratégia de longo alcance [...] era a de desviar as tensões políticas através de uma dupla campanha de modernização, uma na área econômica, outra na cultural. Nesses campos, pensava ele, todas as nacionalidades poderiam encontrar um interesse comum superior (SCHORSKE, 1988, p. 227–228).***

Esse momento de afirmação da modernização e da plurinacionalidade na administração é o contexto imediato do desenvolvimento, por Riegl, do projeto de uma nova lei de preservação para a Comissão Central, que gerou o Culto moderno dos monumentos. O contexto ajuda a explicar por que o autor ignora o patriotismo nessa

<sup>22</sup> Nos autores que citamos, os termos são *piety*, *pietät*, *pietà*. Em português, o problema com a cognata  *piedade*  é seu sentido corrente de compaixão. Assim, preferiremos as traduções *reverência* e *valor de reverência*, usadas por Mirandulina Azevedo (2011) e pela tradução brasileira de *A Alegoria do Patrimônio* (CHOAY, 2001).

<sup>23</sup> 1ª edição da obra: RUSKIN, John. *The seven lamps of architecture*. Londres: Smith, Elder and Co., 1849.

<sup>24</sup> O Império Alemão existiu da Unificação (1871) ao fim da Primeira Guerra Mundial (1918).

<sup>25</sup> O Império Austro-Húngaro existiu, com esse nome, do Compromisso Austro-Húngaro (1867) ao fim da Primeira Guerra Mundial (1918).

obra. Nas Disposições para aplicação da lei de preservação (RIEGL, 2003c, p. 231), tal concepção chega a ser citada negativamente, como uma fusão antiquada de valor histórico com valor de memória intencional; ou como um interesse “egoísta-estatal” ou “egoísta-nacional”, que vinha evoluindo para o sentimento universal do valor de antiguidade:

***O sentimento de orgulho do austríaco em geral, ou do boêmio [...], polonês, etc., a propósito dos monumentos sob a posse de um estado, ou país, ou nacionalidade, era sempre baseado no isolamento em relação a outros [...] O sentimento do valor de antiguidade, por sua vez, se baseia na solidariedade com todo o mundo [...] o sentimento pelo valor de antiguidade é um sentimento universal e como tal sem exceção pode ser compartilhado por todos e não ofende nenhum sentimento egoísta de quem quer que seja (RIEGL, 2003b, p. 209–210, tradução nossa).***

Em 1905, em seu texto de resposta a Dehio, Riegl desenvolveu essa argumentação, propondo a superação final do patriotismo (apresentado como um egoísmo preso ao século XIX) e retirando a ênfase nos indivíduos (que haviam sido o fulcro de sua argumentação nos textos de 1903): as Novas correntes apontavam para um sentimento difuso de humanidade, que exploraremos no próximo item; e a debilidade do raciocínio de Dehio estaria na identificação desse sentimento indefinido pelo passado como sentimento identitário nacional (RIEGL, 2018, p. 64, 70).

Inegável o contexto político dessas proposições, também negável é sua convergência com a trajetória intelectual de Riegl. Por exemplo: uma eventual proeminência do valor de nacionalidade levaria à preservação do monumento enquanto símbolo, a ser completado e reconstruído, com prejuízo seja para seu valor histórico, seja para seu valor de antiguidade. Situações como essa, que se acumularam no século XIX, contrariavam Riegl enquanto historiador de arte e conservador, como se verifica em seus diversos textos relacionado à preservação de monumentos, e são deploradas por ele na segunda metade das Novas correntes. Além disso, a defesa do valor de antiguidade feita por Riegl em 1905 se baseava num ideal de universalidade, numa missão social, e mesmo num socialismo não marxista, recorrentes no pensamento preservacionista da época, expressos também por Riegl, Dehio, e anteriormente por Ruskin (BLOWER, 2012, p. 48; OLIN, 1985, p. 189, 195). Dadas essas convergências intelectuais amplas, não devemos restringir esse aspecto da teoria de Riegl à subordinação a seu contexto político.

No momento subsequente, em que o pensamento liberal austríaco se vai desintegrando, juntamente com o próprio Império, a ascensão do nacionalismo no país é acompanhada pela intervenção direta na Comissão central, que, a partir de 1910, passa a ter como protetor o Arquiduque Francisco Fernando,<sup>26</sup>

***[...] que lhe emprestou algo da influência política que antes lhe faltava, ao tempo em que exercia um grau de influência não desprezível na instituição em si. Ele estabeleceu uma efetiva união pessoal entre a monarquia e a autoridade dos monumentos (BLOWER, 2012, p. 14, tradução nossa).***

A partir de então, a emergência do patriotismo na preservação austríaca é evidente. Dvorak, discípulo de Riegl, lhe havia escrito um panegírico em 1905, e citava o conceito de valor de antiguidade correntemente, tendo mesmo chamado O culto moderno dos monumentos de “o texto mais importante e genial até agora publicado sobre a questão” (DVORAK, 2003, p. 363, tradução nossa). Mesmo assim, em 2010, no texto Culto dos monumentos e desenvolvimento artístico, ele critica a ideia da antiguidade como superação do patriotismo e quase toma o partido de Dehio:

<sup>26</sup> Francisco Fernando (1863-1814), herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, cujo assassinato em 1914 precipitou o início da Primeira Guerra Mundial.

*[...] o Professor Dehio [...] declarou que a participação patriótica era a fonte mais importante do culto moderno dos monumentos. Alois Riegl se opôs a esta opinião [...], reforçando, certamente com razão, que, em primeiro lugar, não são as questões patrióticas que suscitam o nosso gosto pelas ruínas, igrejas e cidades antigas. A meu ver, contudo, também Riegl exagerou ao tentar excluir a participação do patriotismo [...] Não é apenas o valor artístico que move milhares de pessoas a visitarem um monumento do passado nacional, e em especial ultimamente, a gradual transformação do patriotismo político-doutrinário em um nacionalismo cultural concreto determina o fato de que também em relação à arte antiga sejam colocados em evidência os aspectos patrióticos (DVORAK, 2003, p. 361, tradução nossa).*

Em obras subsequentes, Dvorak retoma a defesa do sentimento patriótico, em suas ligações com o sentimento de reverência:

*[...] tudo o que, nas associações religiosas, públicas e nacionais, igrejas ou cidades, territórios ou estados, está habilitado a conservar ou manter acesa a lembrança do passado histórico e o sentido de pertencimento [...] São, portanto, um legado genealógico, que se deve honrar por dever moral e que deve ser transferido para a carne e o sangue de todos [...] da mesma forma, junto com as antigas prefeituras, portas das cidades e praças, são destruídas ricas fontes de civismo e do amor à pátria; quem destrói tais monumentos é um inimigo de sua cidade e de seus pais e prejudica a comunidade (DVORAK, 2008, p. 70).*

A permanência do nacionalismo na preservação de monumentos austríaca pode ser lida como a não-realização da previsão de Riegl de que o valor de antiguidade teria importância crescente no século XX, enquanto base de um culto aos monumentos moderno e universal. Como aponta Andreas Lehne (2018, p. 145), Riegl superestimou o valor de antiguidade. Sua profecia de universalidade chegou aos seus limites tão rapidamente quanto o sistema político e cultural em que fora desenvolvida – e só teria novos desdobramentos décadas depois, no segundo pós-guerra, no contexto da organização da preservação em nível internacional.

## Valor de antiguidade, do tempo abstrato à humanidade

Em *O culto moderno dos monumentos*, o valor de antiguidade fora descrito como evocação da relação entre o indivíduo (com sua existência) e o universo (presente por meio da natureza). Essa relação se manifestava na passagem do tempo, num ciclo de formação (particularização a partir do universal) e posterior dissolução (retorno ao universal):

*Mas, logo que o indivíduo (tanto o que foi criado pelo homem como aquele que o foi pela natureza) está formado, tem início a actividade deletéria da natureza, a das suas forças mecânicas e químicas que dissolvem novamente o indivíduo nos seus elementos e pretendem ligá-lo ao todo amorfo da natureza (RIEGL, 2013a, p. 29).*

A relação homem-natureza se confirmava na analogia entre a dupla formação e dissolução e a dupla nascimento e morte, no mesmo texto (RIEGL, 2013a, p. 29–30). Nesse raciocínio, o contentamento experimentado na contemplação do valor de antiguidade corresponderia à tranquilidade advinda da segurança da repetição do ciclo regular da natureza (RIEGL, 2014, p. 48).<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Para esta citação, recorreremos à tradução brasileira de 2014, que julgamos transmitir melhor o raciocínio exposto.

Essas imagens de contemplação, de dissolução da individualidade dos objetos e dos sujeitos, aproximam-se do conceito de *Stimmung*, anteriormente explorado pelo autor na história da arte, como por exemplo em *A disposição harmoniosa* como conteúdo da arte moderna (RIEGL, 2013b). O conceito, de difícil tradução, abrange significados referentes tanto ao objeto como à reação emocional do sujeito diante do objeto: disposição harmoniosa, atmosfera, estado afetivo (LEHNE, 2018, p. 141; PROENÇA, 2013, p. x-xiii).

Da forma como descrito, o valor de antiguidade evoca a passagem do tempo de modo abstrato, afastado da história de cada objeto:

***[...] o valor de antiguidade já abstrai totalmente, por princípio, do fenômeno individual, localizado, como tal, e avalia exclusivamente o efeito afetivo, em todo o monumento sem exceção [...] sob a mera consideração daquelas propriedades que apontam (marcas da idade) para a dissolução do monumento no geral, em lugar daquelas que traem a sua individualidade objectiva, originariamente coesa (RIEGL, 2013a, p. 23).***

Como aponta Michael Gubser (2006, p. 146, tradução nossa), “admiradores do valor de antiguidade comprazem-se dos monumentos não por sua capacidade de elucidar este ou aquele período histórico, mas porque eles revelam o passado em si e como tal”. E, de fato, a ênfase de Riegl na experiência do tempo chega a reconhecer o direito à existência de tudo que se desenvolveu por longa duração, inclusive os objetos naturais (RIEGL, 2018, p. 67–68).

Embora centrais para Riegl, essas ideias eram secundárias nas reflexões preservacionistas da época, voltadas, desde o século XIX, para questões como nacionalidade, verdade histórica ou testemunho humano. Em outros autores, identificamos passagens raras e isoladas que dialogam com esse aspecto de sua reflexão (DVORAK, 2008, p. 86–87; RUSKIN, 2008, p. 77).

De fato, como percebeu Daniel Paz (2003, p. 113), essa concepção é limitada, ao desconsiderar “o fascínio de tocarmos algo que foi tocado por alguém de outras épocas” e “a percepção do vínculo que une dois seres na distância dos anos”.

Apontando para a superação de tal limitação, nos textos do mesmo ano que acompanhavam o *Culto Moderno*, Riegl sinaliza outra possibilidade: as marcas do tempo trazem evocações mais humanas de venerabilidade e resistência:

***Estimamos ainda como tendo maior valor um monumento românico do que um gótico [...] porque sabemos bem que o segundo é menos antigo, e por isto viveu menos do que o monumento românico mais venerável (RIEGL, 2003c, p. 231, tradução nossa).***

***[...] o culto moderno dos monumentos [...] requer também para os ‘monumentos de antiguidade’ uma contemplação repassada de piedade [...] Na classe dos monumentos de antiguidade entra, por fim, toda a obra de mãos humanas [...], na medida em que lhe basta traír no exterior [...] que já existiu durante um longo período de tempo antes do presente e que ‘viveu ao longo’ dele (RIEGL, 2013a, p. 16–17, tradução nossa).***

Seguindo este caminho alternativo, em 1905, nas *Novas correntes*, Riegl entrelaça definitivamente o valor de antiguidade com a humanidade, o tempo histórico e a reverência por eles. Os objetos não modernos e o gosto por eles agora evocam um sentimento altruísta pela experiência humana, cultural e compartilhada entre as gerações. Conforme apontamos no item anterior, Riegl propõe sobrepor à identidade nacional de Dehio esse sentimento universal, que atravessa as nações e não é mais individual, como fora em 1903.

A partir de exemplos de sua relação pessoal com Roma e Split, Riegl procura

demonstrar que, mesmo sem o vínculo nacional, há um “sentimento de humanidade”, puramente altruísta; e que esse vínculo não é de natureza artística, e sim ligado à antiguidade, acessível a todos mesmo sem conhecimento específico (RIEGL, 2018, p. 64–67).

Fica caracterizada, assim, uma origem alternativa para o valor de antiguidade: não mais ampliação do valor histórico, que do interesse pelo fato histórico passa ao interesse individual pelo transcorrer do tempo universal (como argumentado no Culto Moderno); mas ampliação do valor rememorativo intencional, que do interesse pela nacionalidade passa ao interesse coletivo pela humanidade. Nessa redefinição, o autor amplia a base explicativa do valor de antiguidade, sem abrir mão de sua proeminência em relação aos demais valores.

A nova explicação do valor de antiguidade leva também à limitação da analogia natural. Em 1903, a ênfase no caráter cíclico do aparecimento e desaparecimento dos monumentos correspondia à imagem do círculo, com a reintegração à natureza sendo uma volta ao ponto de partida. Em 1905, essa trajetória tem por melhor analogia o arco, imagem que ele não usa, dada a irreversibilidade da história humana – que ele já reconhecera ao falar da história da arte por meio da imagem dos elos de uma corrente, linearmente encadeados (RIEGL, 2013a, p. 10–11).

O interesse na continuidade entre as gerações humanas reaproxima Riegl de sua época. Desde Ruskin e Morris, era corrente o interesse nos monumentos enquanto evocação do caráter resistente e duradouro da obra da humanidade, da qual provinham sentimentos de contemplação, reverência e pertencimento coletivo (MORRIS; WEBB, 2006; RUSKIN, 2008, p. 68). Conforme apontaram Françoise Choay e, no Brasil, Mirandulina Azevedo, a reverência de Ruskin e de Morris tinha um viés moral, que valorizava a vida honesta e o trabalho das gerações passadas (RUSKIN, 2008, p. 56, 79). Para eles, o interesse na matéria tocada pelo tempo era o interesse na matéria tocada pela humanidade. Riegl, em sua revisão do valor de antiguidade apresentada nas *Novas correntes*, aproxima seu olhar ao de Ruskin, e não há dúvida de que conhecia sua reflexão – As sete lâmpadas da arquitetura haviam sido publicadas em alemão havia pouco,<sup>28</sup> e Riegl citara nominalmente o autor inglês no texto A portada de Santo Estêvão (2003a, p. 166).

Contemporaneamente a Riegl, Dehio e Dvorak também defendiam as razões morais, o sentido de continuidade humana e a reverência na preservação:

*Nós queremos praticar o cuidado com os monumentos, sem sentimentalismos, sem pedantismos, sem arbitrariedades românticas, como uma expressão espontânea e natural de respeito a nós mesmos, e como reconhecimento do direito dos mortos, para o bem dos vivos (DEHIO, 2018, p. 38–39, tradução nossa).*

*[...] deva valer como regra geral que a restauração não deve jamais ser um fim em si mesma, mas deve significar um meio de assegurar aos monumentos sua integridade e seu efeito, conservando-os piedosamente para as futuras gerações (DVORAK, 2008, p. 99, tradução nossa).*

Assim, a inovação de Riegl não é a valorização desses temas, mas a substituição do nacionalismo por eles e pelo valor de antiguidade. Enquanto para Dehio e Dvorak o sentimento patriótico tinha um cunho identitário e prescindia da passagem do tempo para se manifestar, Riegl propunha a substituição do nacional pelo universal e a associação desse universal com o antigo.

Concluimos, assim, que na obra de Riegl os objetos envelhecidos são capazes de uma

28 RUSKIN, John. *Die sieben Leuchter der Baukunst*. Leipzig: Eugen Diederichs, 1900.

dúpla evocação. Em 1903, o autor pressupõe um tempo cíclico, presente nas referências aos ciclos naturais e nas Disposições, que excluem da preservação os monumentos reconstruídos até que eles atinjam os sessenta anos e voltem a se enquadrar na lei (RIEGL, 2003c, p. 225–226). Nessa reflexão, o sujeito se vê diante da natureza, aceitando as marcas do tempo enquanto retorno gradual do objeto à universalidade. Diferentemente, em 1905, ele trata de um tempo irrepitível; o sujeito se vê diante da humanidade, a guardar as marcas do tempo, enquanto particularização progressiva do objeto em sua trajetória histórica, concreta.

## Conclusão. Ajustes de perspectiva

A partir dos panoramas traçados por Carl Schorske e Margaret Olin, observamos como a questão nacionalismo x cosmopolitismo do contexto cultural de Riegl se apresenta de diferentes maneiras em seus escritos patrimoniais – seja por omissão, no Culto moderno dos monumentos, seja por afirmações breves, nas Disposições para aplicação da lei de preservação dos monumentos, seja como argumento principal em Novas correntes na preservação de monumentos. Corroborando a leitura de Jonathan Blower, observamos que há convergência entre tais posicionamentos e outras posições por ele defendidas anteriormente, o que afasta leituras simplistas de mera conformidade aos objetivos políticos do Império Austro-húngaro e de sua Comissão Central de Monumentos. Os esforços universalistas de Riegl ressoaram pouco em seu meio, mesmo junto a Max Dvorak, seu sucessor na Universidade e na Comissão Central. Pode-se relacionar tal limitação ao aprofundamento da crise política austríaca que levou à acentuação dos nacionalismos e contribuiu para o eclipse das reflexões rieglianas.

Observamos como, em 1905, Riegl redefine seu conceito de valor de antiguidade de 1903, buscando seu sentido principal na continuidade concreta entre gerações humanas, que ele passa a sobrepor ao sentimento de um tempo natural, abstrato, universal, anteriormente defendido. As reflexões de 1905, ao deslocarem seu foco do indivíduo para a coletividade, se deslocam também de conceitos de base psíquica (especialmente o *Stimmung*) rumo a um caráter social, parecendo significar um redirecionamento intelectual – que não teve continuidade, dada a morte do autor naquele mesmo ano. Trata-se, também, de uma aproximação a reflexões oitocentistas, especialmente de Ruskin, agora integradas à sua teoria dos valores concorrentes – termo de Sandro Scarrocchia (2011). A observação sobre tal inflexão no sentido do valor de antiguidade vai além das recapitulações da polêmica Riegl-Dehio, já realizadas anteriormente por Jonathan Blower (2012) e Andreas Lehne (2018), e constitui a principal contribuição de nosso estudo.

Assim, propomos que, ao tratar do valor de antiguidade, seja no campo teórico, seja na prática da preservação, se o considere na ambivalência intrínseca entre natureza e humanidade; entre história linear e tempo cíclico; entre transitoriedade e permanência.

A partir daí, podemos refinar a afirmação de Michele Lamprakos de que as ideias de Riegl refletem o debate da época, especialmente as ideias de Ruskin (LAMPRAKOS, 2014, p. 422). Embora seu interesse pelo autor inglês estivesse presente desde seus primeiros escritos sobre preservação, apenas em seu último ano de vida, no texto de 1905, ele se aproxima definitivamente de uma perspectiva social e do valor de reverência. De forma complementar, podemos refinar também a reflexão de Mirandulina Azevedo, para quem o valor de reverência de Ruskin seria baseado na durabilidade, de forma oposta ao valor de antiguidade de Riegl, baseado na transitoriedade (AZEVEDO, 2011, p. 26–27). Se essa afirmação é aplicável ao Culto moderno dos monumentos, não o é

em relação às Disposições para a aplicação da lei de preservação e, especialmente, em relação às Novas correntes na preservação de monumentos.

Deste ponto, retomamos uma síntese das contribuições de Riegl ao campo da preservação:

*No início do século XX, o Denkmalkultus deslocava inesperadamente o debate sobre a transmissão da herança arquitetônica e artística para além do conflito entre românticos e racionalistas, entre conservação e repristinação [...] O princípio segundo o qual o valor de um objeto se baseia na reação sensorial – estética ou emotiva – que pode ser causada no observador se volta a um aparato axiológico fundado não tanto em bases críticas da história, da estética e da teoria da arte, mas na afinidade entre objeto e observador [...] A preservação – não a conservação ou o restauro – se pretendia agora atividade reflexiva, que punha no centro o indivíduo (e consequentemente a coletividade) e sua capacidade crítica (SALVO, 2018, p. 321, tradução nossa).*

A partir dessa reflexão, vemos que, após seu redirecionamento de 1905, Riegl não se afasta da subjetividade, indissociável da valoração e especificamente do valor de antiguidade. Persiste a identificação deste como valor sensorial/emotivo relacionado às marcas do tempo, que emerge no indivíduo e ganha dimensão universal; contudo, essa universalidade é vista de forma mais humana e menos natural; mais concreta e menos abstrata.

Ainda em diálogo com Salvo (2018, p. 322), encerramos observando que, em sua abertura à universalidade humana dos monumentos, Riegl é ponto fulcral de reflexões que desaguardariam no conceito de patrimônio da humanidade, algumas décadas e duas guerras mundiais depois.

## Agradecimentos

À Secretaria de Infraestrutura e à Direção Geral do Senado Federal, que viabilizaram a presente pesquisa, por meio da concessão de afastamento para realização de curso de doutorado.

## Referências

AZEVEDO, M. M. M. Patrimônio cultural e rememoração: notas preliminares sobre o valor de antiguidade. *Revista CPC*, n. 11, p. 7–32, 2011.

BLOWER, J. **The monument question in the late Habsburg Austria: a critical introduction to Max Dvorak's Denkmalpflege** (Tese -- Doutorado). Edimburgo: University of Edinburgh, 2012.

BREITLING, P. The origins and development of a conservation philosophy in Austria. In: **Planning for conservation**. Londres: Mansell, 1981. p. 49–62.

BRENDLE, B. “Konservieren, nicht restaurieren”: Georg Dehio e as raízes da moderna teoria da restauração. In: **De Viollet-le-Duc à Carta de Veneza. Teoria e prática do restauro no espaço ibero-americano (anais do evento em Lisboa, de 20 a 21 de novembro de 2014)**. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2014. p. 347–354.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/ Unesp, 2001.

- DEHIO, G. La protección y el cuidado de los monumentos en el siglo XIX. **Conversaciones...**, p. 29–45, 1905 2018.
- DVORAK, M. Culto dei monumenti e sviluppo artistico. In: **Alois Riegl: teoria e prassi della conservazione dei monumenti. Antologia di scritti, discorsi, rapporti 1898-1905**. Bolonha: GEDIT, 2003. p. 359–372.
- DVORAK, M. **Gatecismo da preservação dos monumentos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- DVORAK, M. Alois Riegl. In: **The monument question in the late Habsburg Austria: a critical introduction to Max Dvorák's Denkmalpflege** (Tese -- Doutorado). Edimburgo: University of Edinburgh, 2012. p. 202–217.
- GUBSER, M. **Time's visible surface: Alois Riegl and the discourse on history and temporality in fin-de-siècle Vienna**. Detroit: Wayne State University Press, 2006.
- IVERSEN, M. **Alois Riegl: Art History and Theory. Cambridge** (Massachusetts): The MIT Press, 1993.
- JKILEHTO, J. **A history of architectural conservation**. Londres: Routledge, 2007.
- LAMPRAKOS, M. Riegl's "Modern Cult of Monuments" and the problem of value. **Change Over Time**, v. 4, n. 2, p. 418–435, 2014.
- LEHNE, A. Georg Dehio, Alois Riegl, Max Dvorak: a threshold in theory development. In: **Conservation and preservation: interactions between theory and practice: in memoriam Alois Riegl (1858-1905) (Anais do evento em Viena, de 23 a 27 de abril de 2008)**. Florença: Polistampa, 2010. p. 69–80.
- LEHNE, A. Las últimas palabras de Alois Riegl. **Conversaciones...**, n. 5, p. 139–148, jun. 2018.
- MORRIS, W. The restoration of ancient buildings. **The Builder**, p. 1353–1354, 28 dez. 1878.
- MORRIS, W.; WEBB, P. Society for the Protection of Ancient Buildings Manifesto. In: **Building conservation philosophy**. Shaftesbury: Donhead, 2006. p. 156–158.
- OLIN, M. The cult of monuments as a state religion in late 19th century Austria. **Wiener Jahrbuch für Kunstgeschichte**, v. 38, p. 177–198, 1985.
- PAZ, D. J. M. A arte como culto. O conceito de mana na apreciação da obra de arte. **Cadernos do PPG-AU/ FAUFBA**, v. 10, n. 1, p. 105–130, 2003.
- PROENÇA, J. T. Introdução. In: **O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos**. Lisboa: Edições 70, 2013. p. i–xiii.
- RIEGL, A. La porta gigante di Santo Stefano. In: **Alois Riegl: teoria e prassi della conservazione dei monumenti. Antologia di scritti, discorsi, rapporti 1898-1905**. Bolonha: GEDIT, 2003a. p. 163–170.
- RIEGL, A. La legge di tutela dei monumenti. In: **Alois Riegl: teoria e prassi della conservazione dei monumenti. Antologia di scritti, discorsi, rapporti 1898-1905**. Bolonha: GEDIT, 2003b. p. 207–221.
- RIEGL, A. Disposizioni per l'applicazione della legge di tutela dei monumenti. In: **Alois Riegl: teoria e prassi della conservazione dei monumenti. Antologia di scritti, discorsi, rapporti 1898-1905**. Bolonha: GEDIT, 2003c. p. 222–236.
- RIEGL, A. O culto moderno dos monumentos. Trad. João Tiago Proença. In: **O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos**. Lisboa: Edições 70, 2013a. p. 9–65.

RIEGL, A. A disposição harmoniosa como conteúdo da arte moderna. In: **O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos**. Lisboa: Edições 70, 2013b. p. 77–90.

RIEGL, A. **O culto moderno dos monumentos. A sua essência e a sua origem**. Trad. Werner Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RIEGL, A. Nuevas corrientes en el cuidado de los monumentos. **Conversaciones...**, n. 5, p. 62–75, jun. 2018.

RUSKIN, J. **The opening of the Crystal Palace considered in some of its relations to the progress of art**. Londres: Smith, Elder and Co., 1854.

RUSKIN, J. **A lâmpada da memória**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

SALVO, S. Più che moderno, contemporaneo. Riegl e la tutela del patrimonio culturale nell'ultima decade. **Conversaciones...**, n. 5, p. 317–326, jun. 2018.

SCARROCCHIA, S. La teoria dei valori confliggenti dei monumenti di Alois Riegl. In: **Il culto moderno dei monumenti. Il suo carattere e i suoi inizi**. Milão: Abscondita, 2011. p. 75–104.

SCHORSKE, C. E. **Viena fin-de-siècle. Política e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

#### RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O **CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392)** é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 13/07/2019

Aprovado em 27/08/2020